

## O ESPAÇO LITERÁRIO

Notas sobre *Literatura em Extensão*:  
possibilidade de trabalhar textos em  
instituições que acolhem adolescentes.

Maria Barcelos Carvalho Coelho\*

Antes de tudo, é necessário conhecer minimamente os desdobramentos do conceito de literatura. A matéria é longa, mas tentarei mediar alguns sentidos que estão envolvidos na natureza imaginária/simbólica e mítica da linguagem<sup>1</sup>, para assim pensar os efeitos terapêuticos da escrita.

Nas últimas décadas, a literatura tem se deslocado do âmbito hegemônico/acadêmico - “*belas letras*” - para se colocar como espaço “vital clínico”<sup>2</sup> na tradução e re-significação de diferentes campos disciplinares e culturais. Esse movimento, que atua na revitalização dos processos semânticos do inconsciente, facilitando as associações livres, abre possibilidades infinitas de criar campos narrativos, dar formas ao imaginário e expressão às linguagens já existentes na comunidade onde se deseja trabalhar. O texto literário tem ampliado suas fronteiras e coloca-se também como “espaço virtual”<sup>3</sup> para acolher um universo de diferentes categorias no terreno da criação: a música, a dança, a pintura, o teatro, a culinária, os trabalhos manuais. Acolhe também tudo aquilo que passa através do trabalho concreto do sujeito, seja na expressão de um gesto ou na confecção de um artefato, fruto do empenho individual ou coletivo. Seriam, em última instância, ações que percorrem a história da instituição, tornando tangível uma leitura e possíveis interpretações para que sejam posteriormente avaliadas.

---

\* Mestre em Teoria Literária. Socióloga em formação Psicanalítica

Algumas experiências com populações “carentes” têm sido registradas e nelas já se pode perceber alguns desses desdobramentos. Ultrapassagem - de um gueto cotidiano labiríntico para a expressão estética de uma obra pulsante. Falo aqui de uma experiência com mulheres bordadeiras - as “Mariquinhas” - registrada pela professora Vera Lúcia Casa Nova em seu livro *Texturas: ensaios* (CASA NOVA, 2002. p. 120). A autora transcreve algumas “vozes” que se manifestam pela arte dos bordados, onde essas mulheres, ponto-a-ponto, vão reinscrevendo suas experiências. Seja bordando palavras ou imagens sobre tecidos, seja re-codificando criativamente os acontecimentos pelos quais passam em suas vidas. Mas isso só acontece após a leitura de alguns contos de Guimarães Rosa. A bordadeira “Mariquinha” se reconhece em algumas passagens e passa a interagir com o universo roseano, para enfim compor sua própria obra, ou mais precisamente, o seu próprio texto. Neste momento, acontece uma transcrição, uma recriação semiótica que a autora de *Texturas: Ensaios* chama de “uma poética do bordado”:

O bordado é uma outra língua. Língua de paisagens individuais que se misturam aos textos lidos. Na materialidade da língua literária, a bordadeira mariquinha apreende objetos; movimento de percepção, afeto e sensação. Torna objetos em signos quando os borda. Desdobra-os, expande-os. Ouvir/ler o texto roseano é tentativa de perceber os signos cotidianos, que podem ser remanejados pela vivência, ou experiência da bordadeira. (CASA NOVA, 2002, p. 120).

Tomo a experiência das “mariquinhas” apenas como ponto de referência para refletir sobre a possibilidade de trabalho em comunidades que terão certamente suas próprias demandas. Abro porém o Espaço Literário - compreendido aqui, antes de qualquer coisa, como lugar da expansão dos processos inconscientes, da urdidura do afeto e do acolhimento do desejo. É por esse motivo, por tratar-se de um campo extremamente sensível e vasto, que não se pode falar de um projeto, mas de uma *projeção construtiva*. Arquitetada junto ao grupo, essa construção teria que levar em conta o objetivo primeiro desta abordagem: o despertar para a vontade de comunicação, para que aflore a palavra, tanto escrita como oral. Com isto em vista, sugiro, para começar, trabalhar o Espaço Literário dentro de um campo específico: as *Canções Brasileiras*. Por essa via, a literatura nacional tem se expressado dentro de sua mais genuína originalidade e genialidade. Nossos

autores/compositores gratuitamente nos oferecem textos cujas letras são simples e de fácil compreensão; sem falar no conteúdo lírico/poético de muitas delas, também ancoradas em belas melodias e ritmos. Outras são verdadeiras crônicas, onde desfila nossa cultura mais autêntica. Basta lembrar “A Banda”, de Chico Buarque, para que infinitas imagens criem-se em nossa imaginação, compondo o cenário cotidiano de uma cidade de interior. Ou “Carolina”, música que fala de uma menina de olhos tristes que se recusa a ver o mundo.

Um grande cronista mineiro, Paulo Mendes Campos, notadamente envolve-se pelos eflúvios melódicos de nossas canções, para compor sua vasta obra. Deixa-nos registros memoráveis da passagem de sua escrita lírica pelos signos da música.

Gosto dos biombos dourados e dos astros pisados de Orestes, da linearidade de Ismael, da limpeza praiana dos refrãos de Caymmi [...], dos rouxinóis de Lamartine, das construções de Chico Buarque [...]. Gosto dos versos que convivem com a cidade: Noel [...]. E gostaria de ter escrito Rosa, de Pixinguinha. (CAMPOS, 2000. p.127-129).

A abordagem literária através de nossas canções, com músicas que podem obviamente ser escolhidas pelo grupo, abre também o espaço para a criação de uma metodologia própria. Tudo dependerá da dinâmica do grupo em questão, já que trata-se de uma construção gestada no seio das relações. No entanto, fica aberto aqui um caminho para se trabalhar e criar condições de crescimento interior, enriquecimento da linguagem e melhorias na escrita. Num mundo onde se vive o apogeu das imagens multimídias, sem a substantiva relação com os sentidos éticos e estéticos da comunicação humana, o voltar-se para a palavra musicada pode significar para esses adolescentes dobrar-se sobre eles mesmos e aí surpreenderem-se com a magnitude do mundo subjetivo e a potência criadora de suas próprias vozes.

## NOTAS

<sup>1</sup> Cf. Freud (1989, p. 150-157) “A linguagem preservou (a) relação entre o brincar infantil e a criação poética [...] A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem [...] conseqüências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa, se fosse real não causaria prazer [...] Embora o material [do escritor] não seja novo, procede do tesouro popular dos mitos, lendas e conto de fadas”.

- <sup>2</sup> Para o filósofo Gilles Deleuze, a literatura é uma passagem, um estado de devir. O sujeito pode conectar-se com o sentido clínico/terapêutico da linguagem pela invenção de uma língua outra, “estrangeira”, que nada mais é do que seu empenho em criar algo “fora” de si mesmo, que, nesse caso, é a escrita. Cf. Deleuze (1997, p. 9-14): “A literatura é um processo, ou seja, uma passagem de Vida que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida [...]. O mundo é um conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem [...]. A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde.”
- <sup>3</sup> Cf. Lévy (1996, p. 15-50) Penso aqui na universalização da linguagem pelo computador: hipertexto - espaço virtual onde os jovens de hoje estão inexoravelmente incluídos; ou desejam incluir-se.

## REFERÊNCIAS

CASA NOVA, Vera Lúcia de Carvalho. O espelho do branco – o branco do espelho. In: *Texturas: ensaios*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Estudos Literários, 2002.

CAMPOS, Paulo Mendes. Música popular. In: PINHEIRO, Flávio (Org.). *Brasil brasileiro: crônicas do país, das cidades e do povo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pal Pelbar. São Paulo: Editora 34, 1992.

FREUD, Sigmund. Escritores criativos e devaneios. In: *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1989. v. 9.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.